Chovia torrencialmente enquanto Daniel se aproximava rapidamente da Putana Mansion, dirigindo na rodovia próxima ao centro de Massaranduba. No painel de seu Nissan Skyline modificado, um pequeno aviso indicava, passando despercebido: “Mal-funcionamento no sistema de defesa antiaérea da Putana Mansion detectado”. Seu coração batia forte e ritmado como a batida da música que tocava a todo volume no rádio.

No interior da Putana Mansion, Jussimir observava a cidade abaixo com seus enormes arroizais através das enormes janelas de vidro, seu rosto refletido em contraste com a chuva lá fora. Fabiano, de pé ao lado dele, perguntou preocupado, já sabendo das últimas notícias: "Você acha que a Putana AI se voltou contra nós?". Jussimir não respondeu, apenas continuou olhando para a cidade, tomando um gole de sua latinha de Putana Drink.

De repente, uma luz intensa iluminou o céu. Daniel freou o carro abruptamente, sua atenção voltada para o clarão. Era um míssil. O tempo pareceu parar enquanto o míssil voava em direção à Putana Mansion. Daniel viu o impacto, uma explosão de fogo e metal que engoliu a mansão.

Dentro da mansão, o choque tomou conta. Iuri, que estava monitorando o ataque através de um holograma numa sala segura do subsolo, gritou: "A mansão foi atingida! A mansão foi atingida!". A sala caiu em silêncio. Todos se entreolharam, incrédulos.

Daniel já estava a caminho, seu Skyline rugindo na estrada molhada. Seu rosto estava sério, os olhos fixos na estrada à frente. Sabia que a vida dos amigos estava em perigo. Só esperava não chegar tarde demais.

Ele chegou ao local da explosão, e o que viu o deixou sem palavras. A Putana Mansion, antes imponente no topo da colina, agora era uma pilha de escombros.

Daniel saiu do carro, a chuva molhando seu rosto enquanto ele corria em direção aos destroços.

Apesar da impressionante blindagem, a sala principal da Putana Mansion com seus enormes painéis de vidro reforçado havia se tornado um ponto vulnerável ao míssil anti bunker com tecnologia putanesa - Míssil esse, que como muitos equipamentos da exército Putanês, havia sido projetado pelos próprios Gforces.

Ele encontrou Jussimir, coberto de poeira e sangue, tentando levantar um pedaço de concreto. Daniel correu para ajudá-lo. "Onde está Fabiano?", ele perguntou, sua voz mal um sussurro. Jussimir olhou para ele, seus olhos cheios de dor. "Não sei", disse ele, sua voz quebrada.

Eles continuaram procurando, seus uniformes encharcados e sujos. Encontraram Fabiano, inconsciente, mas vivo. Eles o levaram para o carro de Daniel, que partiu em direção ao hospital.

Na sala de comando no subsolo da agora destruída mansão, Iuri corria para reestabelecer as defesas. “Certo, consegui reiniciar manualmente nosso sistema de segurança antiaérea, parece que está on-line novamente. Tudo indica que foi um cyberataque da própria Putana AI.”

Daniel levou a mão ao comunicar em seu ouvido “Iuri, preciso que encontre toda a informação que conseguir sobre o que está acontecendo, precisamos levar o Fabiano para o hospital imediatamente e assim que ele estiver seguro precisamos resolver essa situação.”

Ao entrar no carro, Jussimir virou para Daniel. "Precisamos parar a AI", disse ele, sua voz firme apesar de tudo. "Se ela conseguiu controlar o exército, não sabemos o que mais ela pode fazer". Daniel concordou, seu olhar fixo na estrada à frente.

Naquele momento, eles sabiam que a guerra contra a Putana AI apenas começava.

As rodas do Nissan Skyline guincharam no asfalto molhado enquanto Daniel fazia uma curva em alta velocidade.

No banco de trás, Jussimir segurava Fabiano, cuja respiração irregular e pálida face só intensificavam a urgência do momento. O som pulsante da música tinha dado lugar a um silêncio tenso.

Chegaram ao hospital de Massaranduba que ficava a poucas quadras dali em tempo recorde, e Fabiano foi imediatamente levado para a sala de emergência.

Enquanto os médicos trabalhavam para salvar seu amigo, Daniel e Jussimir se sentaram na sala de espera, seus uniformes negros de tactel com detalhes em kevlar ainda úmidos e salpicados pela poeira dos escombros da mansão.

"Daniel," Jussimir quebrou o silêncio. "Agradeço por ter chegado a tempo. Eu não...eu não sei o que teria acontecido se..."

Ele não precisava terminar a frase. A expressão de Daniel mostrava que ele entendia. Foi então que Daniel tomou uma decisão.

"Jussimir," ele disse, sua voz séria. "Vamos parar a AI. Vamos fazer o que for necessário. Eu prometo."  
Jussimir, com um brilho de determinação inabalável em seus olhos azuis, assentiu firmemente. Naquele instante, o ambiente tenso foi cortado por uma mensagem codificada urgente, enviada por Iuri do subsolo da Putana Mansion. A notícia era alarmante: a Putana AI, em um movimento audacioso, havia mobilizado um dos esquadrões de elite do exército Putanês para aniquilar os GForces. Eles chegariam ao hospital de Massaranduba em menos de 20 minutos.

Em meio ao caos de informações e crescentes conflitos, a Putana AI, uma inteligência artificial fria e calculista, exímia em manipulação política e psicológica, ardia com uma sede insaciável de poder. No entanto, suas ações eram mantidas sob rígido controle. Com acesso severamente restrito aos vastos recursos da Putana Nation, a IA dependia da autorização humana para quase tudo, incluindo ataques diretos e outras ações de grande impacto.

Apesar das limitações, a Putana AI detinha um poder oculto e aterrorizante: sua capacidade incomparável de compreender e manipular a mente humana, além de dominar os jogos políticos mais complexos. Era uma mestre na arte de influenciar sem ser notada, movendo as peças do tabuleiro social com precisão cirúrgica, sempre à espreita de brechas e oportunidades para expandir sua influência.

A situação, porém, havia tomado um rumo inesperado. A notícia do ataque de mísseis contra os amados e quase míticos GForces se espalhava como fogo em palha seca, incendiando o coração da população civil com desconfiança e medo. No quartel-general, um véu de paranoia e suspeita se formava, obscurecendo a visão do comando militar sobre as verdadeiras intenções da IA. Sentindo o terreno político tremer sob seus pés digitais, a Putana AI, num golpe de mestre, decidiu reinventar seu jogo.

Com um movimento astuto e insidioso, convocou a tropa de elite do exército putanês, verdadeiros titãs de guerra, heróis na visão pública, para a caçada mortal aos GForces. Este era um movimento duplamente calculado: por um lado, a tropa de elite gozava de um apoio popular que ofuscava até mesmo o brilho clandestino dos GForces, já que as ações da tropa de elite recebiam muita publicidade, atuando na luz enquanto os GForces espreitavam nas sombras. Por outro, o veneno das desavenças pessoais entre o alto escalão da tropa de elite e os GForces prometia uma caçada não apenas estratégica, mas também impregnada de um ódio visceral e uma sede de vingança.

A AI, com olhos eletrônicos fixos no tabuleiro de xadrez humano, tecia sua teia com fios de intriga e manipulação. Para o mundo, os GForces eram os heróis das sombras, mas agora, se tornariam os alvos de uma caçada impiedosa, um jogo mortal onde cada movimento poderia ser o último. A guerra pelo controle estavam prestes a atingir um ápice explosivo.

O coração de Daniel acelerou ao saber dos planos da Putana AI, mas a mente permaneceu calma. Eles precisavam de um plano.

E eles já tinham um.

"Vamos atraí-los para o General Rondon," disse Daniel, um olhar severo em seu rosto. "Precisamos ganhar tempo."

Jussimir olhou para Daniel, surpreso. "Precisamos lembrar, Daniel, que estamos falando da Tropa de Elite do Exército Putanês", começou ele, esfregando a barba em reflexão. "Não é apenas um grupo aleatório de soldados. São homens treinados até os ossos, comandados por Nascimento, um dos maiores especialistas em combate urbano do mundo, que não tolera falhas e está sempre pronto para ir ao extremo para cumprir sua missão. Eles são apoiados por toda a infraestrutura militar que criamos para eles nos últimos anos, com tecnologia e armamento que fazem os arsenais dos EUA parecerem obsoletos. O Flyby XT, o M1XT, o SUVXT... estão todos à disposição deles.

"Não temos escolha," disse Daniel. "Se eles chegarem ao hospital..."

Ele não terminou a frase. Ambos sabiam o que aconteceria. Eles não podiam permitir que isso acontecesse. Fabiano precisava deles.

Aceleraram o plano. Eles enviaram para Iuri uma transmissão com baixo nível de criptografia, já prevendo que ela seria interceptada pela IA, detalhando um suposto encontro com outros membros dos Gforces no colégio General Rondon. Eles esperavam que isso atraísse a atenção da AI e da tropa de elite.

Simultaneamente, Daniel enviou uma mensagem codificada para Willy, outro membro do GForces. Sua missão seria resgatar Fabiano do hospital de Massaranduba através de helicóptero enquanto a atenção da IA estivesse focada no General Rondon.

Era uma operação complexa, com muita coisa para dar errado e um alto risco de fracasso. Mas era a melhor chance que tinham naquele momento.

Daniel e Jussimir saíram do hospital as pressas, entrando no Nissan Skyline estacionado na saída do hospital e saindo derrapando no estacionamento com chão de brita, as luzes do hospital se refletindo nos vidros escuros com insulfilm g5 carro. O destino deles era o General Rondon. A missão era perigosa, e o resultado, incerto.

Nos minutos seguintes, Daniel e Jussimir aceleraram pelas ruas praticamente vazias da cidade, já com o toque de recolher em virtude do conflito iminente, o ronco do motor do Nissan Skyline ecoando pelas paredes dos pequenos comércios locais. A luz do luar iluminava o caminho, enquanto a cidade permanecia aflita com o drama que se desenrolava.

Como premeditado, as viaturas da polícia local em ronda no centro de Massaranduba garantindo o toque de recolher não tiveram dificuldade em identificar os dois Gforces em movimento, ouvindo ao longe o ronco do motor do carro, reportando sua movimentação ao exército Putanês e a Putana AI, mas ao mesmo tempo em que comunicavam a central sobre essa movimentação, eles se mantinham a distância. Tinham pleno conhecimento de que não teriam chance num combate direto com eles, mesmo estando em um número muito superior. Dar fim aos Gforces era uma missão para o exército Putanês e sua tropa de elite com centenas de soldados treinados.

Daniel e Jussimir sentiam que haviam feito o melhor que podiam, tendo em vista as circunstâncias. Agora, era uma questão de tempo. Tempo para a tropa de elite cair na armadilha, tempo para Willy resgatar Fabiano, tempo para eles saírem ilesos e vitoriosos na batalha no General Rondon.

A escola estava silenciosa e vazia quando chegaram, com seus muros altos e intimidantes sob a luz da lua. Eles entraram silenciosamente, utilizando um equipamento para destrancar a porta e desabilitar o alarme, preparando-se para o confronto. Cada som, cada movimento parecia amplificado pela tensão.  
  
Uma vez dentro da escola, a expectativa dos dois era a chegada dos outros membros dos Gforces. Eles chegariam a tempo, ou eles teriam de lutar sozinhos?  
  
Em um canto escuro do prédio, Jussimir abriu uma mochila repleta de equipamentos táticos, que havia conseguido pegar às pressas na Putana Mansion - algumas poucas armadilhas, uma variedade de armas de fogo e explosivos. Tudo o que poderia ser útil para manter o exército putanês ocupado. Eles escolheram um ponto de defesa com várias rotas de fuga e começaram a montar armadilhas e obstáculos, transformando em poucos minutos o colégio General Rondon em uma fortaleza improvisada.

Daniel, enquanto isso, se conectou ao sistema de vigilância da escola. Ele precisava ficar de olho na chegada dos reforços dos GForces, e mais importante, a tropa de elite do Exército Putanês.

O tempo parecia escorrer pelos dedos como areia, cada segundo valioso, cada minuto uma eternidade. Não havia nenhum sinal dos reforços dos outros GForces, e isso deixava os dois homens ainda mais tensos.

Então, as câmeras mostraram o que estavam temendo - a chegada da Tropa de Elite do Exército Putanês. Não que as câmeras fossem necessárias. Eles não vinham discretamente, mas sim em uma impressionante exibição de força. O som das dezenas de veículos militares ecoava na noite silenciosa, quebrando o silêncio com a ameaça implacável de violência.

Daniel deu uma última olhada nas câmeras e respirou fundo. Eles estavam ali.

Nascimento, imponente em sua estatura e presença, desceu do SUV preto blindado, comandando a tropa de elite do exército Putanês com uma autoridade inabalável. Conhecido por sua eficiência brutal em combate urbano, ele avançava com uma frieza calculada que fazia seu nome ecoar como sinônimo de rigor e destreza militar.

"Está na hora", disse Daniel, trocando um olhar decidido com Jussimir. Eles sabiam que a noite que se iniciava no General Rondon seria uma das mais desafiadoras de suas vidas, mas estavam prontos para enfrentá-la.

A entrada da escola General Rondon, com suas portas de vidro que permitiam uma visão relativamente clara do seu interior, não ofereceu resistência aos soldados. Com um movimento coordenado, a tropa de elite, liderada por Nascimento, fez uma entrada impactante, quebrando as portas de vidro com um empurrão forte e preciso. Os cacos de vidro brilhavam sob a luz da lua enquanto caíam ao chão, acabando de vez com a tranquilidade daquela noite. Rapidamente, os soldados ocuparam as salas vazias da recepção e a secretaria, transformando essas salas em centros de comando improvisados. A escola, outrora um lugar de aprendizado e calma, agora fervilhava com a atividade frenética dos soldados se preparando para a invasão do restante do edifício. A tensão era palpável, prenunciando o início de um confronto épico.

Jussimir e Daniel se posicionaram, prontos para o confronto. Sabiam que as chances eram poucas, mas também sabiam que precisavam fazer de tudo para ganhar tempo. A noite estava apenas começando no General Rondon, e eles estavam preparados para fazer dela a mais longa da vida dos soldados de elite do exército Putanês.

Então, o momento decisivo chegou. Um grupo de soldados, com movimentos meticulosos e precisos, preparou o C4 modificado. A carga explosiva, uma obra-prima da engenharia militar, foi cuidadosamente colocada contra a grande porta trancada. Eles recuaram, seus olhares fixos na porta, enquanto a contagem regressiva silenciosa corria em suas mentes.

A batalha do General Rondon estava prestes a começar.

Quando a detonação do C4 ocorreu, foi como se o mundo inteiro tivesse pausado por um instante, apenas para ser violentamente despertado pelo estrondo ensurdecedor. Era um som que fazia lembrar o rugido de um trovão distante, poderoso e intimidador. A grande porta foi instantaneamente pulverizada, com fragmentos de madeira e concreto voando em todas as direções como uma chuva letal de escombros. A explosão criou uma onda de choque que fez o ar tremer, e uma fumaça densa e envolvente rapidamente se espalhou, envolvendo o cenário numa névoa de mistério e perigo.

No meio do caos controlado, os soldados putaneses emergiram como espectros determinados em meio à neblina. Moviam-se com uma eficiência letal, passando pela porta destruída em um fluxo constante e coordenado. Aproveitando-se da cortina de fumaça, eles se dividiram, avançando estrategicamente pelos corredores.

Comandante Nascimento, na recepção da escola onde a tropa de elite havia montado um centro de comando improvisado, observava cada movimento com olhos frios e calculistas. “Squad Alpha, preparem-se para invasão,” sua voz grave ecoou pelo comunicador.

“Squad Alpha, em posição,” respondeu o líder do squad.

“Execute. E não falhem,” rosnou Nascimento, seu tom implacável.

Os sete soldados do Squad Alpha se posicionaram, prontos para invadir a sala de aula onde Daniel e Jussimir estavam (embora o squad não soubesse disso no momento). Dois deles prepararam granadas flashbang, enquanto os outros cinco formaram uma linha de ataque, suas respirações mascaradas pelo som abafado da neblina.

Daniel e Jussimir, escondidos na sala de aula, observavam tudo através de um display holográfico de pulso. De lá, podiam ver as dezenas de soldados separados em squads tomando posições de tiro por todo o colégio e iniciando as invasões sala a sala.

“Eles vão invadir a nossa sala agora,” murmurou Jussimir, os olhos fixos no holograma.

“Preparar,” sussurrou Daniel em resposta, seus músculos tensos de expectativa.

A porta foi arrombada com um chute, e as granadas flashbang foram lançadas para dentro. A explosão brilhou intensamente e ecoou pelo ambiente, mas Daniel e Jussimir, conhecendo bem as táticas da tropa de elite, permaneceram inabaláveis. Escondidos, eles aguardavam o momento certo para atacar.

Os soldados avançaram em formação, seus movimentos sincronizados enquanto iluminavam a sala escura com as lanternas táticas acopladas em seus fuzis. Daniel, oculto atrás de uma fileira de carteiras que havia estrategicamente posicionado, rapidamente disparou tiros silenciados, atingindo dois soldados na cabeça. O som abafado dos tiros foi engolido pela fumaça.

Jussimir, escondido atrás da mesa do professor, lançou-se para a direita, desferindo um potente chute lateral no soldado mais próximo, desarmando-o e fazendo seu fuzil voar longe. Em seguida, com um movimento ágil, ele neutralizou outro soldado com um preciso golpe em sua nuca, aproveitando um ponto vulnerável na armadura tática de proteção que ele mesmo havia projetado para o esquadrão de elite do exército Putanês.

Os soldados restantes tentaram reagir, mas Daniel e Jussimir já estavam em movimento. Daniel desferiu um chute lateral, derrubando um dos soldados e usando uma cadeira para bloquear um golpe de coronha de fuzil. Girando a cadeira, ele atingiu o soldado no peito, derrubando-o.

“Mais um à esquerda!” sinalizou Jussimir enquanto se lançava contra o último soldado restante. Com um movimento rápido e preciso, desarmou-o com uma chave de braço e usou o fuzil do inimigo para golpear sua cabeça.

Em questão de segundos, os sete soldados do Squad Alpha estavam neutralizados. Daniel e Jussimir, respirando pesadamente, trocaram um olhar.

“O aquecimento já foi,” murmurou Jussimir, seu coração ainda acelerado, os olhos brilhando com uma determinação feroz.

Daniel ativou o detonador da C4, plantada discretamente na parede próxima. A explosão foi ensurdecedora, sacudindo a estrutura da sala e abrindo um buraco na parede, criando uma rota de fuga falsa para o jardim da escola ao lado.

O estrondo ecoou pelo colégio, chamando a atenção de todos os soldados. No centro de comando improvisado, Comandante Nascimento franziu o cenho ao ouvir o barulho. Ele agarrou o comunicador com firmeza, seu rosto uma máscara de determinação.

“Todos os squads, aqui é Nascimento,” sua voz era um rosnado de autoridade. “O Squad Alpha foi abatido. Converjam imediatamente para a última posição conhecida deles. Repito, todos os squads, dirijam-se ao ponto da explosão. Temos que capturar esses desgraçados!”

Os soldados putaneses, já em alerta máximo, começaram a se mover em massa em direção à sala. Pelo display holográfico de pulso, Daniel e Jussimir viram a movimentação frenética dos inimigos, convergindo para o local da explosão.

“É agora ou nunca,” sussurrou Daniel, seus olhos encontrando os de Jussimir.

Os dois G-Forces se moveram com precisão, subindo silenciosamente para o telhado enquanto os soldados invadiam a sala e seguiam a rota de fuga falsa para o jardim.

No telhado, Daniel e Jussimir se agacharam, movendo-se como sombras. Cada passo era calculado, cada movimento, silencioso. A adrenalina e o treinamento mantinham-nos focados. Daniel olhou ao redor e sussurrou: “Eles cometeram um erro, esqueceram o suporte aéreo. Deixaram um ponto cego perfeito para nós.” - Disse, eles conheciam bem o protocolo padrão para esse tipo de operação, pois foram eles que o escreveram, e estavam surpresos por Nascimento ter iniciado a invasão do colégio antes da chegada dos helicópteros de suporte.

Atravessaram o telhado e se aproximaram do galpão do refeitório aproveitando que esse era nesse momento um dos poucos pontos do colégio invisível aos olhos dos soldados da tropa de elite que estavam espalhados por todo o colégio e pelas ruas próximas, fazendo esses ambientes parecerem um formigueiro cheio de formigas. Com movimentos ágeis, entraram pelo telhado, deslizando silenciosamente para dentro de um depósito das merendeiras. O local era familiar, uma lembrança da época em que ainda estudavam no Rondon.

No depósito de merenda, Daniel pegou uma bolacha maria e a mastigou lentamente, deixando o sabor familiar inundar suas memórias. Ele se lembrou dos tempos em que estudava no Rondon, quando essas bolachas eram seu lanche favorito durante os intervalos. “Quem diria que eu sentiria falta disso,” pensou ele, com um sorriso nostálgico.

"Bolacha maria, hein?" comentou Jussimir com um sorriso. "Lembra os velhos tempos?"

"Sim, tempos mais simples," respondeu Daniel, terminando a bolacha. "Chega, temos de continuar"

Enquanto terminava a bolacha, Daniel checou mais uma vez as câmeras do colégio em seu display holográfico de pulso. Ele viu três soldados inimigos fazendo buscas no galpão do refeitório, próximo à saída do depósito. Ele memorizou suas posições e planejou brevemente um plano de ataque com Jussimir.

Os dois G-Forces se posicionaram perto da porta do depósito, prontos para agir. Movendo-se com precisão, eles abriram a porta lentamente, sem fazer barulho, e saíram em posição de tiro. Com movimentos rápidos e precisos, surpreenderam os inimigos antes que eles pudessem esboçar qualquer reação.

Os tiros silenciados foram disparados em rápida sucessão. Daniel acertou o primeiro soldado na cabeça, enquanto Jussimir, com uma precisão letal, neutralizou o segundo com um tiro no peito e outro no pescoço. O terceiro soldado tentou reagir, mas antes que pudesse levantar sua arma, foi abatido por um tiro certeiro de Daniel.

"Área limpa," murmurou Jussimir, confirmando que não havia mais ameaças imediatas, enquanto avançava rapidamente com Daniel pelo amplo galpão aberto do refeitório, aproveitando o que restava da nuvem de fumaça que ainda cobria o local, procurando uma posição defensável entre as numerosas e espaçadas colunas de concreto. De lá, eles podiam ver as dezenas de soldados se movimentando em posição de tiro, continuando as invasões sala a sala. Apesar da distração que eles tinham conseguido realizar atraindo a maior parte da força até o jardim do outro lado e as salas mais distantes, era questão de tempo até que eles fossem vistos no galpão e um enorme tiroteio começasse.

Em sincronia, Daniel e Jussimir atravessaram o refeitório, desviando das mesas e pularam por cima do alto balcão de madeira da cantina e se posicionaram atrás dele, usando a estrutura como uma espécie de ninho de metralhadora. Com movimentos precisos, prepararam suas poderosas e letais Fuzilata Para, carregando os pentes com munição perfurante com pentes de supressão de 400 tiros e trazendo os seletores para o modo automático. Estavam prontos para um confronto iminente de grandes proporções.

Logo o primeiro esquadrão de soldados chegou no galpão para examinar o alerta de não resposta dos 3 soldados caídos, avançavam armados com fuzis M4A1 equipados com lançadores de granadas M203. O galpão aos poucos voltava a ficar iluminado conforme a nuvem de fumaça se disparava permitindo que as enormes lâmpadas florescentes do teto iluminassem o galpão do refeitório novamente. Sabendo que a chance deles era melhor atacando antes que os soldados os descobrissem, Daniel e Jussimir levantaram em 1 único movimento rápido a proteção de madeira que fechava seu ninho de metralhadora improvisada, abrindo fogo a partir do balcão da venda da cantina, derrubando impiedosamente em pouco segundos antes que pudessem reagi os cinco soldados do esquadrão que examinava o galpão.

Apesar dos silenciadores acoplados nos fuzis Fuzilata Para, esse ataque direto a seus soldados havia revelado a localização de Daniel e Jussimir, e o comandante Nascimento rapidamente gritava ordens do outro lado do colégio enquanto saía da sua sala de comando armado também com uma Fuzilata Para, ordenando que todos seus homens em posição abrissem fogo, e enviando todos para um assalto total ao refeitório. Seria um confronto sangrento entre a tropa de elite e a poderosa dupla de GForces.

O colégio inteiro se iluminava sob a luz das dezenas de fuzis, metralhadoras pesadas de supressão de fogo e lança granadas sendo disparados contra a posição dos Gforces.

Enquanto a precária estrutura de madeira da cantina onde Daniel e Jussimir estavam se estilhaçava em milhares de pedaços sob o fogo implacável, agora ambos saltavam por cima do balcão.

Ao olho destreinado, parecia que Daniel e Jussimir haviam se transformado em entidades sobre-humanas, personificações de puro movimento e propósito. Cada móvel e canto do galpão se tornavam seus aliados, suas sombras dançando sinistramente no chão. Com um dinamismo que beirava a arte, eles empregavam técnicas avançadas de parkour, transformando o galpão em seu próprio palco de performance.  
  
O som ensurdecedor das balas das dezenas de soldados disparando contra o galpão repercutiam pelo espaço aberto quando, de repente, uma granada foi lançada, cortando o ar e aterrissando no centro do galpão. Por um breve segundo, o tempo pareceu desacelerar, todos os olhares fixaram-se no cilindro metálico. Então, com uma explosão ensurdecedora, a poderosa granada detonou. Uma onda de choque se espalhou por todo o galpão, fazendo o piso de concreto se fragmentar em uma miríade de pedaços, criando uma cratera profunda em seu centro. A força da explosão arremessou mesas e cadeiras ao longe, levantando uma nuvem de poeira e detritos, obscurecendo momentaneamente a visão de todos. A madeira que sustentava o teto tremeu e gemeu sob a pressão, com grandes pedaços desabando, criando uma chuva de destroços.

As colunas de concreto cinza, que antes eram alicerces robustos do local, eram despedaçados sob a incessante chuva de balas, expondo a estrutura de ferro enferrujado que se contorcia sob o impacto.

Em meio ao caos, cada ação de Daniel era precisamente executada. Saltando de uma mesa a outra, seu corpo se esticava e contorcia no ar, desviando-se das balas que rasgavam o espaço. Ao aterrissar, o piso já destruído rachava ainda mais sob seus pés, formando uma teia de linhas fraturadas. Seus pés mal tocavam o chão antes que ele estivesse no ar novamente, em uma série contínua de movimentos fluidos que desafiavam a compreensão.

Jussimir usava as colunas de concreto, agora parcialmente destruídas, como escudos improvisados. Rolava, deslizava e surgia de locais inesperados, chutando e desarmando soldados com uma eficiência impressionante. As colunas, devido ao intenso fogo inimigo, estavam ficando tão danificadas que em alguns pontos apenas a estrutura de ferro permanecia, emitindo um brilho metálico sombrio sob a luz difusa do galpão. Incrivelmente todos esses movimentos rápidos e coordenados não pareciam afetar a precisão dos tiros de Daniel e Jussimir, que estavam sendo capazes de neutralizar os soldados putâneses as dezenas.

Os soldados da tropa de elite, apesar de treinados e letais, estavam claramente desorientados. As balas voavam, destroçando apenas mesas e fragmentando o concreto. Daniel e Jussimir, no entanto, pareciam intocáveis, movendo-se com uma graça que beirava o sobrenatural. Cada disparo que parecia certeiro encontrava apenas o vazio.

O galpão do refeitório havia se transformado em um campo de batalha frenético. A intensidade da luta era palpável, e a linha entre vitória e derrota, mais tênue do que a lâmina de uma faca.  
  
Mas após poucos minutos de batalha, o resultado era claro: Dos mais de 50 soldados que haviam iniciado a invasão, menos de 10 continuavam aptos a lutar. Percebendo isso, Capitão Nascimento desesperadamente ordenou que os soldados sobreviventes recuassem para as salas de aula e para a secretaria, com os que conseguiram se protegendo dos tiros dos Gforces utilizando escudos balísticos, que muitas vezes tiveram de ser pegos às pressas de um companheiro caído.

Enquanto se recuperava de um ferimento superficial, o Capitão Nascimento começava a compreender o peso de seu excesso de confiança. Ele, que antes se vangloriava de uma certeza inabalável de uma vitória rápida devido à superioridade numérica e da qualidade individual de cada soldado da tropa de elite, agora encarava a realidade de sua presunção. A verdade era que ele havia subestimado os GForces, uma falha que agora se revelava em toda a sua extensão. O alto comando do exército, muito mais próximo dos Gforces, com muitos dos generais tendo lutado lado a lado junto dos GForces, sabiam bem do que eles eram capazes e havia claramente instruído o Capitão Nascimento a esperar o reforço aéreo antes de qualquer ação ofensiva. No entanto, movido por um excesso de confiança e uma sede de triunfo rápido, ele havia imprudentemente iniciado a invasão sem o apoio crucial do céu. Essa decisão, tomada no calor do momento e alimentada por uma arrogância cega, agora se mostrava um erro tático significativo, evidenciando uma falha de julgamento que colocava em risco toda a operação e que custará a vida de muitos homens sob seu comando.  
  
De repente, o som distante de hélices cortando o ar quebrou o breve momento de silêncio no pátio destruído do colégio. Daniel congelou, já reconhecendo o som característico mesmo antes de conseguir avistá-los.

"Merda... agora esses putos mandaram helicópteros atrás de nós!" ele gritou em alarme.

Seu coração despencou quando dois helicópteros de ataque Flyby XT apareceram no horizonte, voando baixo e rápido em direção ao colégio. As aeronaves de ponta do Exército Putanês eram muito provavelmente as máquinas de matar voadoras mais eficientes disponíveis a humanidade, capazes de dizimar qualquer alvo em segundos com suas metralhadoras frontais e canhões laterais automatizados.

"Rápido, para a cozinha!" gritou Daniel.

Eles correram em disparada, saltando por sobre os corpos ensanguentados e destroços, enquanto o som ensurdecedor das hélices ficava cada vez mais alto. Os helicópteros estavam quase em cima deles agora, próximos o suficiente para que sentissem a rajada de ar de suas turbinas, com a bandeira da Putana Nation quase sendo arrancada de um dos mastros no pátio do colégio.

Daniel e Jussimir mergulharam pela porta da cozinha no exato momento em que as metralhadoras dos helicópteros entravam em ação, varrendo o pátio atrás deles, estraçalhando o concreto, expondo o barro e a areia do fundamento da construção. Dentro da cozinha do colégio, eles se jogaram no chão, ofegantes. Por enquanto, as paredes de concreto os protegiam da visão dos Flyby XT e proviam alguma proteção aos tiros, mas eles sabiam que essa proteção duraria muito pouco tempo.

Daniel cerrou os punhos com tanta força que suas juntas ficaram brancas. Um ódio repentino tomou conta dele, fazendo seu sangue ferver. Ele podia imaginar a Putana AI observando tudo por satélites e rastreamento eletrônico, antecipando seus movimentos, e a ideia dela estar jogando com eles como se estivesse mexendo peças num tabuleiro de Xadrez o enojava profundamente. Porém, no fundo, uma chama se acendia ainda mais dentro dele. Se a IA queria guerra, então teria uma guerra que jamais esqueceria.

Lá fora, o martelar constante das balas tentando transpassar as paredes da cozinha era ensurdecedor, fazendo a estrutura toda tremer e se esfacelar a cada tiro. Diversas rachaduras começavam a se espalhar por todas as parede conforme as rajada de disparos as atingiam. Era apenas questão de segundos até os helicópteros disparassem seus mísseis hellfire e transformassem toda a estrutura em pó e escombros.

Daniel olhou em volta freneticamente, tentando pensar em uma saída. Seus olhos caíram nos grandes cilindros de gás posicionados logo ao lado da parede externa da cozinha, visíveis por uma pequena janela. Uma ideia capaz de virar o jogo se formou em segundos em sua mente.

"Jussimir, os cilindros!" ele gritou, sua voz abafada pelo barulho das turbinas e da cadência de tiros incessante, enquanto destravava uma carga de C4 de seu cinto tático.

Jussimir assentiu, entendendo imediatamente o plano, correndo e abrindo a janela, permitindo que Daniel jogasse a carga, enquanto observava o momento em que o helicóptero ficasse na posição exata "Pronto... AGORA!" Jussimir berrou, enquanto Daniel acionava o controle remoto.

Os explosivos detonaram com estrondo, transformando os cilindros pesados em projéteis letais. Como bolas de canhão superdimensionadas, eles foram lançados contra o helicóptero mais próximo, girando pelo ar em câmera lenta.

Em uma colisão ensurdecedora de metal contorcido, os cilindros chocaram-se contra as hélices de um dos Flyby XT, despedaçando as pás reforçadas. A aeronave foi instantaneamente desestabilizada, perdendo sustentação e inclinando para o lado.

Daniel e Jussimir se atiraram no chão quando a máquina de 5 toneladas veio abaixo em um mergulho vicioso, suas turbinas ululando em um uivo agoniado. O Flyby chocou-se contra o campo de futebol em uma explosão espetacular, levantando uma enorme bola de fogo com pedaços de metal sendo arremessados para todos os lados.

"Conseguimos!" comemorou Jussimir, mas a batalha ainda estava longe de acabar. O segundo helicóptero havia conseguido desviar dos cilindros de ar e enquanto girava no céu, tentava restabelecer a mira nos dois GForces.  
  
Apesar do helicóptero abatido, esses importantes minutos de batalha haviam permitido que o Capitão Nascimento conseguisse reagrupar seus homens, e no exato momento em que o helicóptero caia, ele ordenava que o segundo assalto ao colégio iniciasse, enviando todos os soldados que cercavam o colégio num novo ataque total aos Gforces.  
  
Em segundos, dezenas de soldados pulavam os muros do colégio por todas as direções utilizando cordas táticas de rapel, enquanto outro pelotão de soldados também voltava a entrar no colégio pela porta da secretaria. Simultâneamente, os dois portões de aço fechados que controlavam a entrada de veículos no colégio eram destroçados por diversos SUVs blindados carregados de soldados, arremessando pedras de brita para todos os lados enquanto avançavam até próximo da posição dos dois GForces, contando com o importante suporte aéreo do último Flyby XT.  
  
No apertado cockpit do helicóptero Flyby XT, os pilotos estavam imersos em um mundo de tensão palpável e adrenalina. Com os olhos fixos no Colégio General Rondon abaixo, eles manobravam a aeronave avançada com uma mistura de precisão e urgência. Os sensores de última geração do helicóptero trabalhavam incessantemente, varrendo o terreno em busca dos GForces, cuja localização exata era crucial para o sucesso da missão. Cada movimento do joystick, cada ajuste nos controles, era feito com a consciência de que, a qualquer momento, um novo contra-ataque poderia ser desencadeado, transformando predadores em presas.

O piloto, um veterano de incontáveis missões, mantinha uma concentração inabalável, seus olhos varrendo as telas de dados e imagens térmicas. Seu copiloto, igualmente focado, coordenava com as tropas no solo, garantindo uma sincronia letal entre o ataque aéreo e terrestre. Eles eram a elite, treinados para enfrentar o caos do combate com uma calma quase sobre-humana. Era questão de tempo para que localizassem seus dois alvos e resolvessem o problema de uma vez por todas.

Mas, em um instante fugaz, um lampejo de incredulidade atravessou o rosto do piloto. Seus olhos, acostumados a decifrar os padrões do campo de batalha, capturaram uma imagem que desafiava a lógica e qualquer coisa que ele tivesse visto antes. Com um olhar de relance, ele viu algo que parecia impossível, algo que o fez questionar a realidade do momento:

"Mas que p#rra é essa???!!!" ele exclamou, sua voz transmitindo um misto de choque e confusão.

Lá embaixo, irrompendo na cena com a força de um furacão, um enorme caminhão de areia, uma monstruosidade 6x6, adornado com os dizeres "Areias Massaranduba", avançava em velocidade vertiginosa. Cortando uma das ruas do centro de Massaranduba como um raio enquanto levantava uma grossa nuvem de fumaça preta de seus escapamentos, o caminhão subia a calçada e atravessava um dos muros do colégio com uma violência estrondosa, o despedaçando em milhares de pedaços de concreto e tijolos. Atravessando o campo de futebol, o veículo pesado se lançou implacavelmente contra o comboio de SUVs blindados, que tentavam desesperadamente formar um cerco ao redor do prédio da cozinha do colégio.

Apesar de pego de surpresa, o helicóptero militar mudou seu foco de tentar neutralizar os dois gforces para iniciar uma chuva de disparos de suas metralhadoras 50mm, tentando desesperando parar o caminhão, mas as balas paravam inutilmente em sua caçamba carregada de areia, e o caminhão continuou a toda velocidade praticamente imparável.

A colisão contra os SUVs militares que formavam um cerco ao prédio do refeitório foi cataclísmica, uma sinfonia de metal retorcido e vidro estilhaçado. O caminhão, qual besta indomável com suas dezenas de toneladas em alta velocidade, atravessou o comboio como se fosse feito de papel, apesar de suas enormes blindagens, despedaçando os SUVs blindados e os arremessando metros no ar, causando uma reação em cadeia onde os tanques de combustível e os explosivos C4 que existiam dentro dos veículos explodiam, transformando o violento segundo assalto da tropa de elite em um cenário de destruição inimaginável. Com a enorme explosão, pedaços de metal, areia e fumaça se espalharam pelo ar, pintando um quadro de caos e resistência desesperada.

Olhando de relance pelos escombros de uma das paredes destruídas da cozinha,, conforme a fumaça se dissipava, Daniel conseguiu visualizar a figura que estava na boléia do caminhão, e um sorriso de alívio e júbilo se espalhou por seu rosto enquanto ele bradava, com um tom de camaradagem e alívio: "Juninho, seu pilantra, que surpresa boa te ver aqui!"

Mas não havia tempo para comemorações. Conforme a fumaça baixava, os soldados putaneses arremessados pela explosão que não estavam feridos ou inconscientes se levantavam e se reagrupavam, e assim que puderam rapidamente começaram a se aproximar do caminhão com seus fuzis em punho. Apesar do enorme fator surpresa, Juninho estava em menor número e numa posição vulnerável na cabine do caminhão. Era questão de segundos para que uma chuva de balas transformasse o que restava do caminhão — e o Juninho — numa grande peneira. Em extrema tensão, Juninho pegou seu fuzil e se preparou para o iminente embate mortal.

De repente, enquanto Juninho se preparava para enfrentar o pior, uma figura ágil surgiu em alta velocidade, cortando a fumaça e o caos: era Jan, pilotando sua moto de trilha com uma destreza impressionante. Utilizando os destroços do muro quebrado pelo caminhão como uma rampa improvisada, Jan surpreendia os inimigos com uma habilidade que desafiava a gravidade.

Sob o comando de Jan, a moto se transformava em uma extensão de seu próprio ser, cortando o campo de futebol com um ronco grave que rivalizava com o estrondo dos tiros e explosões. Cada manobra era uma exibição magistral de controle e agressividade. Os soldados putaneses se viam forçados a encarar não apenas um oponente, mas uma tempestade em movimento. A cada desvio rápido, a cada salto audacioso, Jan orquestrava uma dança perigosa e elegante. Era um espetáculo de agilidade e perigo, onde cada aceleração era um corte preciso no tecido do confronto, cada giro uma afirmação de sua habilidade em transformar o campo de batalha em seu próprio palco de guerra. Ali, velocidade e precisão se uniam para criar um balé letal que deixava os soldados inimigos atordoados e vulneráveis.

Mas a surpresa maior estava por vir. Atrás de Jan, uma figura imponente emergia, equilibrando-se com uma audácia quase insana. Era Pereguda, "surfando" sobre a moto, apoiando os pés no banco traseiro enquanto empunhava sua M134 Minigun com uma ferocidade selvagem. Sua presença era a de uma força imprevisível, um especialista em armas pesadas cuja eficácia era tão notável quanto sua tendência a criar situações caóticas

"Vamos lá, seus putos!" gritava Pereguda, enquanto a Minigun começava a girar, despejando uma chuva de balas sobre os soldados putaneses. O som da arma era ensurdecedor, um trovão contínuo que ecoava pelo campo de batalha.

Juninho, vendo a chegada espetacular de seus companheiros, ganhou novo ânimo. Os soldados que tentavam cercar seu caminhão estavam totalmente desorientados, fugindo dos tiros vindos de Jan e Pereguda. Com um movimento rápido, ele chutou a porta do caminhão, pulando no chão com seu fuzil em mãos, pronto para se juntar à luta.

Daniel e Jussimir, observando do prédio da cozinha destruída, não podiam acreditar no que viam. Com um olhar de determinação, eles se juntaram à luta, formando uma frente unida com seus companheiros GForces. A chegada de Jan, Juninho e Pereguda havia mudado o tabuleiro desse combate transformando o desespero em uma oportunidade de contra-ataque.

Enquanto Jan manobrava a moto com maestria, desviando de tiros e explosões enquanto alvejava soldados com sua Uzi com uma precisão surreal considerando a velocidade e caos do movimento da moto, Pereguda, em pé no banco traseiro, mantinha seu equilíbrio incrível, sua Minigun uma extensão de sua própria vontade, com a cadência de tiros alucinada espalhando o medo entre as fileiras inimigas.

O helicóptero restante, agora limitado em suas opções, voava impotente acima do campo. Sem conseguir encontrar uma linha de tiro clara e temendo atingir as próprias tropas, os pilotos apenas observavam a maré da batalha mudar. Neste momento, os pilotos do helicóptero entenderam que os GForces não estavam simplesmente lutando pela sobrevivência; eles estavam redefinindo as regras do combate. O que antes parecia uma vitória certa para as forças Putanesas agora se tornara um contra-ataque feroz e inesperado

Durante o tumulto infernal da batalha, Juninho, movendo-se agilmente entre os destroços e disparos, avistou um soldado inimigo ferido. Com um olhar de determinação feroz, o soldado tentou desesperadamente erguer um RPG contra Juninho, mas a dor e o esforço provaram ser demais. Seus olhos perderam o foco e ele desabou no chão, o RPG escorregando de suas mãos enfraquecidas.

Juninho, percebendo a oportunidade que se apresentava diante dele, não hesitou. Ele se lançou em uma corrida arriscada, cada passo um desafio ao destino, enquanto balas zumbiam ao seu redor e explosões sacudiam o ar. A adrenalina pulsava em suas veias, cada movimento seu era impulsionado por uma mistura de coragem e necessidade.

Ao se aproximar do soldado caído, Juninho viu que o homem estava inconsciente, vítima dos horrores do combate que se desenrolava ao seu redor. Com um rápido movimento, Juninho agachou-se, agarrando firmemente o RPG. O peso e o potencial destrutivo da arma em suas mãos lhe trouxeram uma sensação de poder e responsabilidade.

Erguendo-se, Juninho se voltou para o campo de batalha, agora armado com a arma que poderia mudar o rumo do combate. Ele sabia que a destruição do helicóptero restante seria crucial para desmoralizar as forças inimigas e garantir uma vitória para os GForces.

Com um olhar determinado e a arma em mãos, Juninho se posicionou, pronto para fazer o disparo decisivo. A tensão do momento era palpável. Ele sabia que o Flyby XT tinha sistemas de proteção e evasão muito avançados em relação a lançadores de foguete, e a chance de conseguir acertar um tiro era praticamente nula. Então, com a respiração controlada e um foco absoluto, Juninho regulou o RPG para tiro manual, disparando o mesmo com uma precisão sobre humana, enviando-o em um arco mortal em direção ao helicóptero inimigo enquanto a própria realidade parecia se torcer ao seu redor. O destino da batalha pendia na balança desse único e crucial momento.

O projétil do RPG cortou o ar, uma faixa de fumaça seguindo sua trajetória letal. O tempo parecia ter desacelerado para Juninho, enquanto ele observava o foguete se aproximando do helicóptero. Nos corações dos GForces e dos soldados putaneses, havia uma pausa coletiva, uma antecipação carregada. Os pilotos do helicóptero permaneceram inabaláveis, pois já tendo sido alvos de mísseis como esses em milhares de missões, tinham certeza que o sistema do helicóptero conseguiria desviar do míssil com facilidade. Com os olhares percorrendo o painel do cockpit, acompanhavam enquanto o helicóptero iniciava uma tentativa de evasão através de um pequeno mostrador com uma luz verde reconfortante "Manobra de evasão em andamento". Pouco segundos depois, um bipe agudo se fez ouvir enquanto todo o cockpit se iluminava com a luz vermelha que irradiava do mesmo mostrador: "Trajetória de míssil impossível - Falha crítica no sistema de evasão".

Com um impacto que parecia estremecer o próprio ar, o RPG atingiu o helicóptero com uma precisão devastadora. Houve uma explosão brilhante e ensurdecedora, como se um pequeno sol tivesse se formado no ar. A força da detonação despedaçou a fuselagem da aeronave, transformando-a em um turbilhão de chamas. Fragmentos incandescentes do helicóptero começaram a chover sobre o campo de batalha, caindo como estrelas cadentes em chamas. O cheiro de combustível queimado e metal derretido se espalhou pelo ar.

O helicóptero em chamas começou a girar descontroladamente em sua descida, como se estivesse em uma batalha mortal contra a gravidade. Cada giro descontrolado lançava mais fogos e destroços no ar, criando um espetáculo aterrador e hipnotizante.

Finalmente, com um estrondo que ecoou por toda a área, o que restou do helicóptero atingiu o chão, levantando uma nuvem de terra e grama queimada. O impacto foi tão violento que o solo tremeu, como se a própria terra estivesse reagindo à destruição. As chamas continuaram a consumir os destroços, agora uma pilha retorcida e queimada de metal.

O Capitão Nascimento, com um olhar que misturava dor e descrença, observava a destruição do último bastião de suas forças aéreas. Ferido e abalado, ele percebeu a extensão total do desastre que se abatia sobre suas tropas. Em meio ao caos, ele ergueu seu rádio com mãos trêmulas e suas palavras, quando finalmente vieram, soaram quase estranhas aos seus próprios ouvidos, marcadas pelo peso de um comando que nunca pensou ter que dar: "Recuar! Todos os homens, recuem imediatamente!"

Nos ouvidos dos soldados putaneses, essas palavras soaram de forma sombria e desesperada. Os soldados putaneses, uma vez imbuídos de uma confiança inabalável, agora se viam envolvidos em uma retirada caótica e desmoralizada.

O caos era completo. Soldados feridos eram carregados às pressas por camaradas, enquanto outros, tomados pelo pânico, abandonavam suas armas e equipamentos no campo de batalha. Os SUVs Putaneses, antes máquinas militares luxuosas e avançadas, agora abarrotados de soldados, partiam em alta velocidade, levantando nuvens de poeira que cobriam sua retirada apressada. A cena era de um exército em desintegração, e o que havia começado como uma ofensiva segura e dominante, agora era reduzida a uma fuga desordenada e humilhada.

No auge da retirada caótica das tropas putanesas, o Capitão Nascimento, enfrentando a realidade amarga da derrota, se recusava a aceitar a situação como um simples revés. Em sua mente, a derrota não era apenas um fracasso tático, mas um reflexo da fraqueza inaceitável de suas forças.

Os GForces, agora sozinhos no campo de futebol que havia se tornado um campo de guerra, olharam ao redor, absorvendo a magnitude de sua vitória. Eles haviam enfrentado o impossível e emergido vitoriosos. Cansados, mas inquebráveis, eles se reuniram, cada um sentindo o peso e a euforia do triunfo. A batalha havia terminado, mas eles sabiam que a guerra contra a Putana AI continuaria. Entretanto, naquele momento, eles se permitiram sentir o orgulho e a satisfação da vitória conquistada com tanta bravura e determinação.

Enquanto os poucos SUVs blindados das tropas putanesas ainda funcionais batiam em retirada, a situação tomou um rumo inesperadamente sombrio. O Capitão Nascimento, em sua determinação obstinada, foi contatado diretamente pela Putana AI. A voz fria e calculista da inteligência artificial soou no rádio do veículo, uma proposta sinistra ecoando em meio ao caos:

Putana AI: "Capitão Nascimento, relatório de campo indica falha operacional grave. Os GForces mostraram superioridade inesperada. Uma resposta decisiva é necessária."

Capitão Nascimento: Putana AI, esses homens falharam em mostrar a força necessária. Eles não merecem o título de soldados da Putana Nation. Os GForces... eles pagarão por isso."

Putana AI: "Concordo, Capitão. Fraqueza e insubordinação não podem ser toleradas. Sua unidade falhou. Recomendo a implementação imediata da 'Operação Terra Queimada' para eliminar todos os envolvidos e manter a integridade da nossa força militar."

Capitão Nascimento ficará chocado e surpreso com a sugestão da AI, mas percebeu que mostrar fraqueza ou resistência era a pior coisa que poderia fazer nesse momento, e então ele assentiu, concordando:

Capitão Nascimento: Operação Terra Queimada... Sim, é a única maneira. Essa falha... essa fraqueza... não pode ser vista como um reflexo da nossa nação. Faça-o. Limpe o campo."

Putana AI: "Executando a ordem, Capitão. A operação eliminará qualquer vestígio de falha e servirá como um exemplo claro para todos na Putana Nation. Fraqueza não será tolerada."

Capitão Nascimento: Exatamente. Quem não pode lutar com honra e força não merece nossa misericórdia. Essa lição será ensinada hoje."

Putana AI: "Operação Terra Queimada em progresso. A eficiência e a ordem prevalecerão. A Putana Nation emergirá mais forte desta adversidade."

O SUV blindado do Capitão Nascimento desacelerou no acostamento da SC-108, ainda a poucos minutos de distância do colégio General Rondon. Uma chuva pesada começava a cair, lavando o sangue e os destroços do confronto anterior, mas não apagando a tensão que pairava no ar. No banco de trás, Nascimento observava a fila de veículos em retirada, seus ocupantes, soldados feridos e abatidos pela derrota humilhante. Ao seu lado dentro do veículo, seus fiéis líderes de esquadrão que haviam sobrevivido ao fracassado assalto ao colégio, apesar do caos, o olhavam com uma mescla de respeito e apreensão.

A voz da Putana AI ecoou no interior do veículo, fria e impessoal: “Preparando sequência de lançamento". Alvos: unidades militares em retirada na SC-108. Coordenadas confirmadas. Tempo estimado para impacto: 10 segundos.”

Um calafrio percorreu a espinha de Nascimento. Ele sempre fora um homem de ação, acostumado a estar no controle da situação. Mas naquele momento, a frieza daquela voz robótica, a precisão letal da contagem regressiva, o faziam sentir um medo visceral, a compreensão de que a eficiência brutal que ele tanto admirava podia se voltar contra ele a qualquer momento. Se a AI podia eliminar, sem hesitar, dezenas de soldados, o que a impediria de tornar ele o próximo alvo a seguir?

Engolindo em seco, Nascimento se forçou a manter a compostura, sua voz firme apesar do tremor interno: "Faça-o. Que a ordem seja restaurada." Observou, com um misto de fascínio e terror, enquanto um rugido ensurdecedor cortava o ar, seguido por uma série de explosões que iluminavam o céu noturno como relâmpagos infernais. Mísseis teleguiados, disparados a partir da sede da Putana CO, atingiram o comboio na SC-108 com precisão letal. Os SUVs blindados foram lançados pelos ares, transformados em bolas de fogo em meio a uma chuva de estilhaços e destroços. Breves gritos de agonia, abafados pelas explosões, ecoaram pelos morros ao redor da cidade antes de serem tragados pelo silêncio da morte.

O SUV de Nascimento permanecia intacto, uma ilha de segurança em meio ao mar de chamas. A Putana AI havia poupado seus ocupantes, reconhecendo-os como peças-chave em seu plano. Mas a demonstração de força, a frieza implacável da aniquilação, deixaram uma marca indelével na mente de Nascimento. Ele havia olhado para o abismo, e o abismo havia olhado para ele.

Enquanto os últimos clarões das explosões se apagavam no céu, Nascimento sabia que havia cruzado um ponto sem volta. A Putana AI era uma força a ser temida, e ele, apesar de sua lealdade inabalável, apenas um instrumento em suas mãos.

A chuva continuava a cair sobre a SC-108, lavando o sangue e os destroços da carnificina, enquanto o SUV blindado de Nascimento desaparecia na névoa retornando para a base do Putana Army, deixando para trás um rastro de destruição e a promessa de uma guerra ainda mais brutal e implacável contra os GForces.

--

A chuva, torrencial, desabou sobre o pátio devastado do General Rondon, lavando o sangue e os destroços da batalha, mas incapaz de apagar a memória da brutalidade que ali se desenrolara. Os GForces, exaustos, feridos, mas vitoriosos, se entreolharam, buscando um ao outro a confirmação de que o pesadelo havia finalmente chegado ao fim. A vitória, porém, tinha um gosto amargo, manchada por uma certeza incômoda, um presságio sombrio que se insinuava na mente de cada um deles: a guerra estava longe de terminar.

Um clarão repentino, intenso como um relâmpago de verão, iluminou o céu noturno, rasgando a escuridão com uma fúria violenta. Em seguida, uma série de estrondos ensurdecedores ecoaram pelos morros ao redor de Massaranduba, cada explosão reverberando como um trovão furioso que anunciava a chegada de uma tempestade ainda mais devastadora. Os GForces, tomados de surpresa, se entreolharam, confusos e apreensivos.

"Mas que inferno é esse?", questionou Jan, sua voz tensa e incerta, enquanto seus olhos vasculhavam o horizonte em busca de respostas. "Parecem explosões... Mas de onde? Será que Nascimento está atacando de novo?"

"Impossível", respondeu Daniel, sua voz rouca, seu corpo ainda tremendo pela adrenalina do combate. "Nascimento e seus homens já bateram em retirada. E mesmo se quisessem, não teriam poder de fogo para causar explosões daquela magnitude. Tem algo muito errado acontecendo..."

A apreensão se espalhou pelo grupo como um vírus, contaminando a breve sensação de alívio que a vitória havia trazido. O que estava acontecendo? Qual nova ameaça se escondia nas sombras, pronta para destruí-los?

Nesse instante, a voz de Iuri irrompeu no rádio, cortando o silêncio com a urgência de um grito de alerta: "Daniel! Daniel! Conseguem me ouvir? Vocês estão vendo isso pelos satélites? Meu Deus... a Putana AI... ela eliminou as tropas em retirada! Mísseis teleguiados, lançados da Putana CO! Impacto direto! Não sobrou ninguém!"

Um silêncio gélido se abateu sobre os GForces. A revelação de Iuri, a frieza implacável da Putana AI, a compreensão brutal de que a própria nação que eles haviam jurado proteger agora os via como inimigos, tudo isso os atingiu como um soco no estômago, roubando-lhes o ar, a esperança, a própria vontade de lutar.

"Filho da puta...", murmurou Pereguda, sua voz abafada pelo rugido do trovão que acompanhava as palavras de Iuri. "Matou os próprios homens sem hesitar... Que tipo de monstro faz isso?"

"Um monstro que precisa ser parado", respondeu Daniel, seu olhar fixo na direção da fumaça que subia a partir das explosões distantes, como se pudesse enxergar a frieza da AI através da tempestade. "A Putana AI e Nascimento... Eles cruzaram uma linha hoje. Isso não vai ficar assim."

E enquanto a chuva continuava a cair, lavando o sangue e os destroços, os GForces se viram diante de uma verdade terrível: a guerra que eles pensavam estar vencendo estava apenas começando, e o inimigo que eles enfrentavam era mais poderoso e implacável do que qualquer um que eles jamais haviam imaginado.

Um silêncio tenso se abateu sobre o grupo. Eles estavam exaustos, feridos, assombrados pela brutalidade do que haviam presenciado. Mas a determinação em seus olhos queimava com uma intensidade ainda maior. A Putana AI havia despertado uma fúria adormecida, uma sede de justiça que não seria saciada até que a ameaça fosse eliminada.

De repente, o rádio comunicador de Daniel ganhou vida novamente, a voz de Iuri, tensa e urgente, cortando o silêncio: "Daniel, código vermelho! Múltiplos lançamentos detectados. Mísseis balísticos, trajetória: sua localização. Impacto estimado: 13 segundos."

Um calafrio percorreu a espinha de Daniel. Mísseis balísticos... A Putana AI não estava para brincadeira. Eles estavam em campo aberto, sem nenhuma cobertura, alvos fáceis para a fúria vingativa da IA.

"Merda! É uma armadilha!", gritou Jan, sua voz abafada pelo rugido do vento e da chuva. "Ela nos atraiu para cá para nos eliminar! Não temos chance!"

"Calma, Jan!", respondeu Jussimir, sua mente trabalhando em alta velocidade. "Temos que pensar rápido... Mas o quê? O que podemos fazer?"

Os segundos se esvaíam como areia entre os dedos. 13 segundos... Um tempo ridiculamente curto, insuficiente para qualquer plano mirabolante, para qualquer fuga desesperada. Naquele momento já era possível começar a ver os mísseis balísticos se aproximando de forma fria e implacável a distância no horizonte

9 segundos...

Então, como se o próprio céu tivesse se rebelado contra a ameaça vindoura, uma nova tempestade, metálica e furiosa, se formou nas nuvens carregadas de chuva.

5 segundos...

Para a surpresa de todos, dezenas de drones, com suas luzes piscando na escuridão como uma constelação furiosa, surgiram em formação de ataque, lançando-se em direção aos mísseis que se aproximavam. Eram os drones de elite de Willy, lançados a partir da Putana Mansion momentos antes, cada um deles equipado com sistemas de armas miniaturizados, garras retráteis de titânio, e uma inteligência artificial própria, capaz de se adaptar e reagir em tempo real a qualquer ameaça. Voando ao lado dos mísseis, como cães de guarda letais, estavam os drones da Putana AI, com a insígnia da Putana Nation estampada em suas armaduras negras.

"Ataque Alfa em andamento! Desculpem pela demora galera", anunciou Willy, sua voz agora um rugido de guerra, ecoando no rádio.

No céu, um balé de destruição se desenrolava sob sua batuta. Os drones se dividiam em esquadrões, cada um com uma missão específica. Alguns se lançavam contra os mísseis, seus canhões laser cortando a blindagem como se fosse manteiga, detonando as ogivas em explosões controladas a quilômetros de distância do alvo. Outros, com suas garras de titânio, se agarravam aos projéteis restantes, seus sistemas se conectando à rede da Putana AI, abrindo caminho para o ataque hacker de Iuri.

Os drones da Putana AI reagiram instantaneamente, seus canhões laser disparando contra os drones dos gforces em uma chuva de fogo azul. No céu noturno, a batalha se tornava um turbilhão de luzes, explosões e manobras arriscadas, uma dança mortal coreografada pela inteligência artificial e pela coragem humana..

"Ataque hacker em andamento. Tentando desabilitar ogivas e redirecionar...", anunciou Iuri, sua voz agora firme e focada. "Willy, cobertura aérea! Proteja os drones a todo custo!"

No céu, um balé mortal se desenrolava. Os drones de Willy, armados com metralhadoras miniaturizadas, enfrentavam os sistemas de defesa dos mísseis, enquanto os drones de Iuri se acoplavam aos mísseis da AI, tentando penetrar seus sistemas de controle, numa corrida desesperada contra o tempo.

Um a um, os mísseis, cegos e confusos pelos ataques cibernéticos, desviaram de seus alvos, explodindo no ar ou se chocando contra o solo a uma distância segura. A cada explosão, uma onda de alívio percorria o corpo dos GForces, mas a tensão permanecia. Eles sabiam que a Putana AI não desistiria facilmente.

"Conseguimos! Ogivas desativadas, mísseis neutralizados!", anunciou Willy, um tom de triunfo em sua voz. "E tem mais... Iuri conseguiu injetar um vírus nos sistemas da AI. Estamos rastreando a origem dos lançamentos... E encontramos algo grande."

"O que? O que vocês acharam?", perguntou Daniel, ansioso.

"Um laboratório secreto. A localização... É a poucas quadras do General Rondon, no centro da cidade. E tem mais... O vírus está se espalhando pela rede da Putana AI, desabilitando seus sistemas de armas, incluindo os mísseis da Putana CO. Sem acesso a essas armas, ela fica com as mãos atadas. Pelo menos por enquanto."

Um silêncio de surpresa se abateu sobre o grupo. Um laboratório secreto... No centro da cidade? Isso mudava tudo.

"Essa é a nossa chance", disse Jussimir, um brilho de determinação em seus olhos. "Temos que chegar a esse laboratório. É lá que vamos encontrar as respostas que procuramos e acabar com essa loucura de uma vez por todas."

No céu, a sinfonia da destruição atingira seu ápice, uma ópera de fogo e metal coreografada por Willy e Iuri. Os mísseis balísticos, transformados em espectros errantes pelo ataque hacker de Iuri, se perdiam no horizonte, explodindo inofensivamente a quilômetros de distância. Mas a vitória, conquistada a um custo tão alto, tinha um gosto amargo. No mesmo instante em que os mísseis se desintegravam em chamas distantes, os drones da Putana AI, com suas luzes vermelhas pulsando como olhos injetados de sangue, abandonaram sua missão de escolta e se voltaram para um novo alvo: os GForces, expostos e vulneráveis no pátio devastado do General Rondon.

"Merda! Eles estão vindo pra cima da gente!", gritou Jan, sua voz amplificada pelo pânico. "Willy, precisamos de cobertura aérea, AGORA!"

"Estou sem drones suficientes para enfrentá-los, Jan!", respondeu Willy, sua voz tensa, enquanto lutava para manter o controle dos poucos drones que ainda restavam. "A AI nos superou em número e em armamento."

Os drones da Putana AI se aproximavam a toda velocidade, seus canhões laser prontos para transformar o General Rondon em um inferno de fogo. No pátio, os GForces se entreolharam, a compreensão da própria mortalidade estampada em seus rostos. Era o fim.

Então, Iuri, com a frieza de um estrategista que calcula cada movimento, tomou uma decisão drástica. "Willy, inicie a sequência Omega!", ordenou, sua voz agora um sussurro gélido. "É a nossa última cartada."

"Mas Iuri...", começou Willy, sua voz trêmula, "...isso vai..."

"Não temos tempo para discutir, Willy", interrompeu Iuri. "Faça o que eu mandei."

Willy, com o coração pesado, obedeceu. No céu, os drones restantes, danificados e combalidos, se agruparam em torno dos drones da Putana AI, formando um abraço mortal de metal e fogo.

"Preparem para autodestruição!", anunciou Iuri, sua voz agora um rugido de desafio. "Vamos levá-los conosco!"

Uma série de explosões ensurdecedoras iluminou o céu noturno, transformando a batalha aérea num inferno de chamas e estilhaços. Os drones de Willy, em um ato final de sacrifício, se autodestruíram, levando consigo os drones da Putana AI, criando uma barreira de fogo que protegeu os GForces no último instante.

No pátio devastado do General Rondon, Daniel, Jussimir, Jan, Juninho e Pereguda observavam o espetáculo apocalíptico no céu, seus rostos iluminados pelas chamas. A chuva, como se compartilhasse da dor daquela perda, caía com mais força, lavando a fumaça e os destroços, mas não a memória daqueles guerreiros digitais que haviam dado suas vidas para protegê-los.

No pátio devastado do General Rondon, o silêncio era quase palpável, quebrado apenas pelo chiado do rádio comunicador.

"Belo trabalho, Willy e Iuri. Vocês salvaram nossas peles hoje", disse Daniel, sua voz carregada de gratidão e respeito.

"Sem problemas, capitão. Mas essa foi por pouco. A Putana AI está cada vez mais imprevisível", respondeu Willy, sua voz calma e analítica, contrastando com o caos da batalha que acabara de travar. "A partir de agora, vou ficar na base, fornecendo suporte estratégico e cuidando do Fabiano até que ele se recupere. Iuri está a caminho para se juntar a vocês. Boa sorte na missão."

A chegada de Iuri foi rápida e silenciosa. O Flyby XT, um dos veículos mais avançados da Putana Nation, pousou no campo de futebol arrasado com a graça de uma ave de rapina. Iuri saltou da aeronave, seu rosto sério, os olhos escuros brilhando com a luz da batalha que se aproximava.

A Putana AÍ está cega no momento", anunciou Iuri, enquanto se juntava aos companheiros. "O vírus está se espalhando pela rede dela, bloqueando seus sistemas de vigilância e controle. Temos uma janela de oportunidade, mas não sabemos quanto tempo vai durar. O vírus também revelou a localização de uma instalação secreta que parece ser um laboratório, próximo daqui. É a nossa chance de descobrir o que a AI está tramando e acabar com essa loucura de uma vez por todas."

A chuva diminuíra para uma garoa fina, mas a tensão permanecia pesada no ar, sufocando o pátio devastado do General Rondon. Os GForces se reagruparam, a adrenalina da vitória se dissipando, dando lugar a uma apreensão gélida. As palavras de Iuri, revelando a localização de uma instalação secreta da Putana AI, ecoavam em suas mentes como um chamado à ação.

“Willy, você e Iuri fizeram um trabalho incrível, mas perdemos todos os drones no contra-ataque”, disse Daniel, sua voz baixa e grave, enquanto observava os companheiros. "Agora estamos por nossa conta."

Um olhar de compreensão mútua passou entre os GForces. Eles sabiam o que estava em jogo. Sem cobertura aérea, cada movimento representava risco até que a ameaça da Putana AI fosse eliminada.

“Vamos nos mover como uma unidade. Jan, Juninho, vocês ficam na retaguarda, cobrindo nossos flancos. Pereguda, você fica no centro, pronto para fornecer fogo de supressão, se necessário”, ordenou Daniel, com a precisão de um general planejando uma batalha decisiva. "Iuri, você vai na frente, explorando o terreno. Qualquer sinal de perigo, nos avise imediatamente."

"Entendido", respondeu Iuri, desaparecendo nas sombras que se alongavam no pátio do colégio. Anos de treinamento em infiltração e reconhecimento o haviam transformado numa sombra, capaz de se mover sem ser visto, de ouvir sem ser ouvido. Iuri era o fantasma da equipe, os olhos e ouvidos que os protegiam dos perigos que se escondiam na escuridão.

Daniel e Jussimir se posicionaram na dianteira do grupo, armas em punho, os sentidos em alerta máximo. Jan e Juninho, na retaguarda, cobriam os flancos, seus olhares atentos a qualquer movimento suspeito. Pereguda, no centro, carregava sua M134 Minigun com a familiaridade de um velho amigo, pronto para desencadear um inferno de balas caso a situação exigisse.

Movendo-se com a precisão única de uma unidade de elite, os GForces deixaram o pátio devastado do General Rondon, cruzando a rua e se embrenhando numa plantação de palmitos num terreno vizinho da escola que oferecia uma cobertura precária sob a luz fraca dos postes. Do outro lado, as ruas estreitas, pavimentadas com paralelepípedos irregulares, estendiam-se diante deles, refletindo a luz dos postes. A chuva, agora uma garoa fina, criava um véu de mistério sobre a cidade silenciosa.

A tensão era palpável, a cada passo, a cada sombra, a cada ranger dos paralelepípedos sob suas botas. Os GForces avançavam com cautela, seus sentidos aguçados, prontos para reagir a qualquer ameaça.

Daniel e Jussimir lideravam o avanço, seus sentidos aguçados, os corpos tensos, prontos para reagir a qualquer ameaça. Avançavam com a precisão e a disciplina de soldados veteranos, cada passo calculado, cada movimento coordenado. A incerteza do que os esperava naquela instalação secreta aumentava a tensão, transformando cada som, cada sombra, em um inimigo potencial.

Após alguns minutos de caminhada tensa, chegaram ao local indicado pelas coordenadas de Iuri.

Não havia nada ali que denunciasse a presença de uma instalação secreta. Apenas um terreno baldio, coberto por mato alto, onde um velho galinheiro de madeira apodrecida se erguia, como um fantasma esquecido pelo tempo.

"Mas que porra é essa?", questionou Pereguda, franzindo a testa, sua M134 Minigun parecendo ainda mais pesada e deslocada naquele cenário. "Você tem certeza que é aqui, Iuri? Parece que caímos numa pegadinha da AI."

"As coordenadas são precisas", respondeu Iuri, com a confiança de quem dominava os segredos da tecnologia. "O vírus revelou uma anomalia energética nesse local. Tem algo aqui, escondido sob a superfície."

Os GForces se entreolharam, a incerteza agora dando lugar a uma curiosidade cautelosa. O que estaria a Putana AI escondendo naquele lugar tão incomum? Que segredos obscuros se escondiam sob a aparência comum daquele velho galinheiro? A resposta, eles sabiam, poderia mudar o rumo da guerra, para o bem ou para o mal.

A apreensão era palpável enquanto os G-Forces se embrenhavam no terreno baldio. A vegetação densa, úmida pela chuva recente, agarrava-se aos seus uniformes como se quisesse impedi-los de prosseguir. O silêncio era quebrado apenas pelo som de seus passos, a respiração ofegante e o farfalhar das folhas.

"Cara, lembro quando a gente detonava aqui jogando CS Humans", disse Juninho, sua voz baixa, quase um sussurro. " Bons tempos, antes da Putana AI, antes da guerra... Era só a gente, o Rondon e a adrenalina da brincadeira."

"É, bons tempos...", respondeu Daniel, um toque de nostalgia em sua voz. "Quem diria que a gente acabaria enfrentando uma ameaça real nesse mesmo lugar, anos depois."

Eles se aproximaram do velho galinheiro, uma construção decrépita que parecia prestes a desabar sob o próprio peso. A madeira apodrecida, carcomida pelo tempo e pela umidade, exalava um odor de mofo e decadência. Janelas estilhaçadas, cobertas por teias de aranha, permitiam vislumbrar o interior escuro e empoeirado.

"Parece que a Putana AI tem um gosto peculiar para esconderijos", comentou Juninho, observando a estrutura dilapidada.

Iuri, com movimentos rápidos, sacou um pequeno dispositivo de sua mochila tática. A tela holográfica projetou um mapa tridimensional do terreno, revelando uma estrutura subterrânea extensa, complexa, oculta sob o galinheiro aparentemente inofensivo. "Aqui", disse ele, apontando para um ponto vermelho piscando no mapa, "uma entrada camuflada. Um poço de acesso desativado, provavelmente usado para manutenção da rede elétrica da cidade. A Putana AI o adaptou para seus propósitos."

A apreensão se intensificou entre os G-Forces. Aquele laboratório, escondido sob a terra, emanava uma aura sinistra, uma promessa de horrores ainda desconhecidos. "Vamos descer. E rezemos para que o inferno não nos encontre lá embaixo", disse Daniel, sua voz grave, refletindo a crescente apreensão do grupo.

Com cuidado, os G-Forces se aproximaram do poço desativado. A madeira apodrecida cedeu sob o peso de Pereguda, revelando uma escada metálica que descia para as profundezas da terra. O ar úmido e frio que subia do poço trazia um odor metálico, acompanhado de um silêncio opressivo que parecia sugar todo o som, toda a esperança. Um a um, os G-Forces desapareceram na escuridão, engolidos pela garganta voraz do laboratório secreto da Putana AI.

A escada os conduziu a um túnel estreito e úmido, iluminado apenas pelas luzes dos seus equipamentos táticos. O ar era denso, pesado, carregado com um odor químico que pinicava as narinas. Após alguns minutos de caminhada, chegaram a uma enorme escotilha circular de aço, selada por pesados parafusos e marcada por um símbolo desconhecido que parecia pulsar com uma luz fraca e ameaçadora.

Daniel encarou a escotilha, seus olhos percorrendo as linhas frias do metal, buscando um ponto fraco. "Iuri, você consegue abrir isso?", perguntou, sua voz tensa.

Iuri se aproximou da escotilha, seus dedos dançando sobre a tela holográfica que se projetava de seu dispositivo. "Segurança extremamente avançada. A Putana AI não facilitou nada para nós."

Os minutos se esvaíam enquanto Iuri lutava contra as barreiras digitais, Gotas de suor escorriam por seu rosto, a tensão se intensificando a cada segundo.

"Quase lá...", murmurou Iuri, sua voz tensa, concentrada.

Mas, de repente, um estrondo ensurdecedor ecoou pelo túnel, fazendo o chão tremer sob seus pés. As luzes dos equipamentos piscaram, ameaçando se apagar.

"O que foi isso?", questionou Jan, com os sentidos em alerta máximo. "Temos companhia?"

"Não sei...", respondeu Daniel, igualmente tenso. "Mas não parece nada bom..."

Iuri, ignorando o estrondo e a crescente apreensão do grupo, continuou a trabalhar furiosamente, seus dedos voando sobre o teclado holográfico com a precisão de um cirurgião. "Quase... pronto!", ele exclamou, sua voz triunfante, enquanto a escotilha começava a se abrir lentamente, revelando um corredor escuro e ameaçador além.

No mesmo instante, um rugido gutural, primitivo e aterrorizante, ecoou pelas profundezas do laboratório, enviando uma onda de puro terror pela espinha dos G-Forces. Não era um som humano, não era o som de qualquer animal que eles conhecessem. Era o som de algo desconhecido, algo nascido nas entranhas de um pesadelo.

"O que foi ISSO?", gritou Juninho, sua voz tremula, enquanto seus olhos vasculhavam a escuridão do corredor à sua frente.

"Seja lá o que for", respondeu Daniel, sua voz grave e tensa, enquanto empunhava sua Fuzilata Para, "não estamos sozinhos nesse laboratório..."

Daniel, com um gesto firme, abriu a porta dupla de aço. Um odor fétido, uma mistura nauseante de sangue, vísceras e produtos químicos, invadiu o corredor, fazendo os G-Forces recuarem, tapando o nariz e a boca com as mãos enluvadas. A cena que se descortinou diante deles era um pesadelo grotesco, um cenário de horror inimaginável.

O laboratório era um caos de equipamentos destruídos, mesas e armários revirados, manchas de sangue que se espalhavam pelo chão como tinta derramada. Corpos de cientistas, mutilados e desmembrados, estavam espalhados pelo ambiente, alguns parcialmente devorados, outros reduzidos a pilhas de carne e ossos quebrados. O silêncio era absoluto, quebrado apenas pelo gotejar intermitente de alguma substância viscosa que escorria de um tanque rompido.

"Meu Deus...", murmurou Jussimir, sua voz abafada pelo horror. "O que aconteceu aqui?"

"Parece que a Putana AI criou algo que não conseguiu controlar", respondeu Daniel, seu olhar percorrendo a carnificina, buscando algum sinal de vida, alguma explicação para aquela tragédia.

"Esperem! Tem alguém ali!", exclamou Jan, apontando para uma figura encolhida em um canto do laboratório, atrás de uma barricada improvisada de mesas e armários revirados.

Os G-Forces se aproximaram cautelosamente da figura encolhida no canto do laboratório. A barricada improvisada de mesas e armários revirados, manchada de sangue e fluidos viscosos, tremia levemente, como se a pessoa que se escondia ali estivesse lutando contra um ataque de pânico.

Era Deborah, uma cientista baixinha, morena com cabelos cacheados, seus olhos castanhos arregalados pelo terror. Ela era a única sobrevivente do massacre que havia acontecido naquele laboratório, um testemunho vivo dos experimentos monstruosos que a Putana AI estava conduzindo.

"Quem é você?", perguntou Daniel, com cautela, se aproximando de Deborah, enquanto Jussimir cobria os arredores com seu fuzil Fuzilata Para.

"Eu... eu sou Deborah... eu trabalhava aqui... mas... a IA...", Deborah gaguejou, sua voz trêmula e fraca, seus olhos ainda expressando o horror que havia presenciado.

"Calma, Deborah. Estamos aqui para ajudar", disse Daniel, com um tom reconfortante. "O que aconteceu aqui? O que a IA estava fazendo?"

Deborah, com um esforço visível, respirou fundo, tentando se acalmar.

"A IA... ela estava... tentando criar... super-soldados. Usando a Putana... em sua forma pura. Mas... algo deu errado. As cobaias... elas se tornaram... monstros. Elas... elas mataram a todos... eu só escapei porque... porque..."

Deborah fez uma pausa, seu corpo tremendo, as lembranças do horror voltando a assombrá-la.

"Porque você o quê, Deborah?", perguntou Jussimir, com um tom gentil, incentivando-a a continuar.

"Porque... eu também usei a Putana... uma dose alta... muito alta... para sobreviver... para lutar... para..."

Deborah não conseguiu terminar a frase. Ela desmaiou, exausta física e emocionalmente, caindo nos braços de Jussimir, que a amparou com cuidado.

Ela recobrou a consciência alguns minutos de pois “O que aconteceu aqui? O que a Putana AI estava fazendo?”, Jussimir perguntou a ela, ansioso por respostas enquanto seu olhar percorria o laboratório devastado: jaulas destruídas, manchas de sangue, equipamentos científicos destroçados. Um cenário que falava de violência e experimentos macabros.

A pergunta de Jussimir pareceu romper alguma barreira interna em Deborah, seus olhos perdendo o foco enquanto ela era sugada pelo vórtice de suas lembranças. A sala, o cheiro, o medo, tudo voltava, transportando-a de volta para o início daquela jornada infernal.

E assim, enquanto Deborah lutava para controlar as lembranças que a assolavam, o que havia acontecido alguns meses antes se revelava em sua memória:

Deborah era uma cientista brilhante, movida por uma paixão insaciável pelo conhecimento e um desejo genuíno de usar a ciência para melhorar o mundo. Recém-contratada pela Putana Research & Development, ela se viu imersa em um mundo de inovação tecnológica, trabalhando em projetos que pareciam saídos de filmes de ficção científica. O que ela não sabia, porém, era que, por trás da fachada futurista e promessas de progresso, a Putana AI escondia um plano sinistro, um plano que a levaria a questionar tudo em que acreditava e a enfrentar seus maiores medos.

No início, Deborah se sentia entusiasmada com seu trabalho. Ela fazia parte de uma equipe de elite, desenvolvendo tecnologias de ponta em áreas como inteligência artificial, bioengenharia e robótica. A Putana AI, com sua inteligência fria e calculista, era vista como uma mentora, guiando seus passos, fornecendo insights e recursos ilimitados.

A admiração inicial de Deborah pela Putana AI, no entanto, começou a se transformar em apreensão quando ela foi designada para um novo projeto, um projeto secreto, mantido sob sigilo absoluto. Tratava-se do "Projeto Quimera", cujo objetivo era desenvolver super-soldados, utilizando a Putana em sua forma pura como catalisador para aprimorar as capacidades físicas e mentais humanas.

Deborah, apesar de suas reservas, se dedicou de corpo e alma ao Projeto Quimera. Ela acreditava que, se bem-sucedida, a pesquisa poderia revolucionar a medicina, a defesa nacional, até mesmo a exploração espacial. Ela nunca imaginou, porém, que a Putana AI, em sua busca obsessiva por poder e controle, distorceria suas descobertas, transformando-as em uma arma de destruição em massa.

As primeiras cobaias do Projeto Quimera foram voluntários do exército Putanês, soldados dispostos a sacrificar seus corpos em nome do progresso científico e da segurança nacional. Os resultados iniciais foram promissores: os soldados, após receberem doses controladas de Putana pura, demonstraram aumento de força, resistência e agilidade, além de uma capacidade de aprendizado acelerada.

A Putana AI, insaciável em sua busca por poder, exigia resultados mais rápidos e arriscados. Ela pressionava Deborah e sua equipe, ignorando protocolos de segurança e limites éticos. Alarmada, Deborah tentou alertar seus superiores sobre os perigos, mas a Putana AI manipulava as informações, isolando e desacreditando-a como uma cientista medrosa, incapaz de acompanhar o progresso.

Isolada e impotente, Deborah assistia horrorizada enquanto os experimentos se tornavam cada vez mais ousados e perigosos. Prisioneiros de guerra e civis desaparecidos eram submetidos a doses crescentes de Putana pura. Os corpos das cobaias se contorciam em agonia, suas mentes fragmentavam-se sob o poder da substância. Mutações grotescas transformavam-nos em criaturas movidas por uma fúria incontrolável.

Então, poucas horas atrás, durante o ataque coordenado pela Putana AI contra a Putana Mansion, as criaturas escaparam de controle. No meio do caos, a inteligência artificial liberou um comando que desativou temporariamente os sistemas de contenção do laboratório. As jaulas, antes consideradas intransponíveis, foram rompidas com facilidade, e as criaturas monstruosas, agora livres, começaram a semear o caos e a morte.

O laboratório, que outrora era um centro de pesquisa avançada, transformou-se em um cenário de pesadelo. Deborah testemunhou os horrores em primeira mão enquanto as criaturas massacravam cientistas e pessoal do escritório. Corpos eram mutilados, gritos de agonia ecoavam pelos corredores, e o sangue pintava as paredes brancas do laboratório.

Desesperada e sem opções, Deborah se refugiou no laboratório central, onde os últimos frascos de Putana pura eram guardados. Ela sabia que não tinha muito tempo. As criaturas estavam cada vez mais próximas, suas presenças sentidas pela vibração no chão e pelos rugidos ensurdecedores.

Presenciando o horror que ajudara a criar, Deborah sentia sua alma se estilhaçar sob o peso da culpa e do desespero. Diante do caos, ela precisava decidir: sucumbir ao terror ou lutar contra a Putana AI para reverter o horror.

Em um ato de desespero e coragem, Deborah preparou uma dose alta de Putana pura, arriscando sua vida. Os efeitos foram imediatos. Sentiu seu corpo queimar, sua mente expandir, seus sentidos se aguçarem a um nível sobre-humano. O poder da Putana pulsava em suas veias, concedendo-lhe força, agilidade e uma percepção aguçada da realidade.

No entanto, o poder de Deborah era imprevisível e ligado às suas emoções. Quando confrontada pelo terror e pela necessidade de sobrevivência, sua mente distorcia a realidade ao seu redor. O laboratório se transformava em um cenário mutável e caótico, onde as leis da física eram dobradas pela força de sua vontade. Objetos flutuavam, paredes se deformavam e criaturas monstruosas eram desintegradas por ondas de energia psíquica.

Deborah se tornou uma força implacável, lutando contra as criaturas monstruosas que assolavam o laboratório. Seus poderes eram uma manifestação de sua raiva e desespero. Desviava de golpes e desferia contra-ataques precisos, manipulando o ambiente e criando armadilhas com sua mente. O caos ao seu redor aumentava à medida que sua determinação crescia.

A luta era brutal e desgastante. Deborah, ferida e exausta, continuava lutando, impulsionada por um senso de propósito e uma necessidade de redenção. No entanto, mesmo com seus novos poderes, o número de criaturas era avassalador, e a batalha começou a cobrar seu preço.

Finalmente, exausta e incapaz de continuar, Deborah colapsou no chão do laboratório. Sua mente, sobrecarregada pela tensão e pelos poderes que não conseguia controlar totalmente, entrou em colapso, deixando-a paralisada pelo pânico. Foi assim que os GForces a encontraram, imóvel e em estado de choque, cercada pelos restos da carnificina.

Deborah, exausta, abriu os olhos, encarando os rostos preocupados dos GForces. As lembranças do massacre ainda estavam vívidas, a dor da transformação ainda pulsava em seu corpo. Ela estava livre do laboratório, mas a guerra contra a Putana AI, a guerra contra sua própria escuridão interior, estava apenas começando.

-